

Luiza Baldan – Algumas séries

O advento da fotografia constituiu-se fato marcante não apenas por todas as implicações trazidas a respeito do papel do artista e da natureza de sua atividade, mas igualmente por ter inscrito o problema da imagem em outro patamar: repentinamente, na mesma proporção em que as imagens se multiplicavam, elas se arriscavam a se tornarem todas *iguais*. Dito de outro modo, no momento em que tudo se permite ser *fotografável*, como determinar a preponderância de uma imagem sobre outra, o que lhe confere significado próprio e relevância? Hoje, quando vemos essa quantidade crescer exponencialmente, a ponto de, em certos casos, a foto nem mesmo chegar ao papel (como ocorria necessariamente antes), tal questão ganha contornos ainda mais difusos.

A exposição “Algumas séries”, de Luiza Baldan, assume tal discussão naquilo em que a imagem se entrincheira e se define no vácuo entre singularidade e dissolução nessa *galáxia de ícones* do mundo contemporâneo. Por um lado, a ideia de série anuncia equivalência e diferença – semelhança no que propõe um fio condutor de um grupo de fotos, seja ele temático ou formal; diferença, ao constatar que essa familiaridade se faz por disparidades de circunstâncias. A artista, em alguns casos, tira partido de analogias para indicar um modo de olhar as fotos, quando, por exemplo, estabelece uma correspondência entre certas tomadas e pinturas abstratas. Em outros, a imagem se constrói na fronteira entre memória e banalidade: ela se vale de um repertório incrustado em nossas lembranças – cenários de cinema, fotos familiares, etc. –, que sub-repticiamente indaga não só o quanto uma imagem é efetivamente particular (já que se encontra, queira ou não, imersa em vários códigos), mas também o quanto cada registro convive sempre com a sombra do apagamento, oscilante entre um tempo prolongado e sua finitude imediata vaticinada pelo clique. Tal imprecisão se reforça por algumas dessas cenas serem refratárias ao conforto da decifração de um tempo e local específicos. Rigorosas formalmente, acentuando nisso uma proposital indefinição ilustrativa, são sempre *antiposes*. No fundo, elas demarcam, em seus encadeamentos, a possibilidade de construção de um sentido de *narrativa* não mais vinculado àquele de *descrição*. Uma sequência, portanto, em que cada imagem alterna seu valor entre afirmar-se por si mesma ou criar seu significado a partir do conjunto que ela compõe. Fotos que se legendam reciprocamente, criando um texto tão permutável e aberto quanto os pontos de vista que registram uma cena.

Guilherme Bueno